

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

DIDÁTICA GERAL

Métodos e Estratégias de Ensino.
Planejamento. Conteúdo. Avaliação.



INSTITUTO DE TEOLOGIA
LOGOS

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

DIDÁTICA GERAL

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-030-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON30

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **DIDÁTICA GERAL.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 112 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - DIDÁTICA – CONCEITUANDO E REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA ESCOLAR.....	8
1.1. CONCEITUANDO A DIDÁTICA	10
2 - CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	18
2.1. PEDAGOGIA LIBERAL	20
2.2. TENDÊNCIA LIBERAL TRADICIONAL.....	22
2.3. TENDÊNCIA LIBERAL RENOVADA PROGRESSIVISTA	23
2.4. TENDÊNCIA LIBERAL RENOVADA NÃO-DIRETIVA	24
2.5. TENDÊNCIA LIBERAL TECNICISTA.....	26
2.6. PEDAGOGIA PROGRESSISTA	28
2.7. TENDÊNCIA PROGRESSISTA LIBERTADORA	29
2.8. TENDÊNCIA PROGRESSISTA LIBERTÁRIA	31
2.9. TENDÊNCIA PROGRESSISTA “CRÍTICO SOCIAL DOS CONTEÚDOS”	33
3 - A PRÁTICA PEDAGÓGICA: CONCEPÇÕES E TENDÊNCIAS	40
3.1. AS TENDÊNCIAS NÃO-CRÍTICAS.....	41
3.2. AS TENDÊNCIAS CRÍTICAS.....	45
3.3. AS PEDAGOGIAS PROGRESSISTAS	46
3.4. EVOLUÇÃO DO ENSINO DA DIDÁTICA	48
4 - PLANEJAMENTO	51
4.1. O QUE É PLANEJAMENTO	51
4.2. MOMENTOS NO PLANEJAMENTO	52
4.3. PRINCÍPIOS E NATUREZA DE PLANEJAMENTO.....	52
4.4. TIPOS DE PLANEJAMENTO	53
4.5. ROTEIRO DE PLANEJAMENTO	54
4.6. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL.....	54
4.7. PLANEJAMENTO CURRICULAR	54
4.8. PLANEJAMENTO DE ENSINO.....	54
4.9. PRINCÍPIOS BÁSICOS DO PLANEJAMENTO DE ENSINO	55
4.10. PLANEJAMENTO – VANTAGENS E CARACTERÍSTICAS.....	56
4.11. O PLANEJAMENTO DIDÁTICO.....	57
4.12. MOMENTOS DIDÁTICOS	57
4.13. ETAPAS DO PLANEJAMENTO	58
4.14. O PLANEJAMENTO E SEUS ELEMENTOS BÁSICOS	61

5 - CONTEÚDOS.....	64
5.1. O QUE SÃO OS CONTEÚDOS?.....	66
5.2. SELEÇÃO E DELIMITAÇÃO DE CONTEÚDOS.....	68
6 - ESTRATÉGIAS DE ENSINO.....	71
6.1. AS ESTRATÉGIAS DEVEM OBJETIVAR O ENSINO.....	72
6.2. AS ESTRATÉGIAS DEVEM SER EFICIENTES.....	73
6.3. COMO AS ESTRATÉGIAS DEVEM FUNCIONAR.....	74
6.4. EXPLORANDO AS POSSIBILIDADES.....	75
6.5. A ABORDAGEM DESCRITIVA.....	76
6.6. A ABORDAGEM NORMATIVA.....	77
6.7. A ABORDAGEM PRESCRITIVA.....	77
6.8. A ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA.....	78
7 - TÉCNICAS DE ENSINO.....	80
7.1. APRESENTAÇÃO DAS TÉCNICAS DE ENSINO.....	81
8 - SOBRE A AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	101
8.1. INSTRUMENTOS PARA AVALIAÇÃO DO PROCESSO.....	108
8.2. QUESTÕES DE CARÁTER SUBJETIVO.....	109
8.3. QUESTÕES DE CARÁTER OBJETIVO.....	110
8.4. QUESTÕES DE MELHOR RESPOSTA.....	111
8.5. QUESTÕES DE ELIMINAÇÃO.....	112

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA
01**

1 - DIDÁTICA – CONCEITUANDO E REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA ESCOLAR

Para iniciar o estudo convidamos você a refletir, primeiramente, sobre a seguinte questão:

Como e o que levar em conta sobre o ato de ensinar / aprender no século XXI, ou seja, existe uma Didática “ideal” que dê conta deste desafio?

Essa, com certeza, é uma questão complexa para ser respondida de imediato, pois seu objeto é difícil de ser limitado, além do que a sua conceituação é polissêmica. Lemos, por exemplo, na literatura especializada, termos como Didática geral, Didática aplicada, Didática teórica, Didática tradicional, Didática crítica, etc., sem falar em outras didáticas – todas com objetos específicos, como Didática da Educação Física, da História, do Português, de Inglês e de muitas outras áreas do conhecimento humano.

Você saberia então definir e diferenciar esses termos?

A Didática está inserida na Pedagogia e tem a escola em todos os seus movimentos como o lócus para a ação pedagógica. A Pedagogia, enquanto ciência da Educação, necessita de outras ciências como a Psicologia, a Sociologia, a Biologia, a Filosofia, a História, entre outras, para completá-la. Daí o seu status polissêmico, ou seja, a crise da disciplina Didática.

Como pode ser compreendida, então, a amplitude conceitual do termo Didática?

“De modo geral, a palavra Didática se associa a arrumação, ordem, logicidade, clareza, simplificação e costuma, portanto também conotar rigor, bitolamento, limitação, quadratura. Se ela adquiriu significados negativos, supõe-se que a origem deles esteja no praxis, ou seja, o exercício regular da Didática, em todos os níveis de ensino, seria responsável pelo seu desprestígio ou má fama. Realmente, muitos manuais de Didática estão cheios de itens e subítens, regras e conselhos: o professor deve, o professor não deve e ficam, portanto, muito próximos dos receituários ou listagens de permissões e proibições, tentando inutilmente disfarçar o seu vazio atrás de excessivo formalismo.

Corroborando todas estas restritivas, fez-se popular o seguinte conceito de Didática - disciplina com a qual ou sem a qual tudo fica tal e qual.

De fato, convém perguntar como aprenderam os nossos antepassados, entregues a professores leigos, cuja preocupação maior era a competência conteudística, a manutenção do respeito à cátedra e a sua pessoa, que do alto do seu tablado despejava sobre os alunos seu saber irrefutável. Por outro lado, com tanta didática hoje em voga,

enriquecida pela psicologia, pela análise de sistemas e por toda a tecnologia do ensino, como explicar que o ensino continue piorando sempre, como a querer comprovar a inutilidade desses recursos?

Aliás, estarão eles sendo utilizados? E se realmente estão, haverá em seu emprego uma dose mínima de consciência, de adequação, de espírito de busca e pesquisa? Ou tudo acontece na simples cópia ou transplante de modelos inadequados à realidade brasileira e, por isso, devidamente rejeitados?

Como saber também se o caos do ensino seria bem maior, sem as tentativas de reformulação, sem o esforço das Faculdades de Educação com licenciaturas, sem os cursos de reciclagem, sem as pós-graduações em Educação?

O momento pedagógico é dos piores, reflete os problemas da sociedade doente, inflacionada, violenta, desigual. Não adianta, pois, esperar milagres da Didática. Conviria, ao contrário, tomar consciência dos seus limites e possibilidades e impedir que ela fosse mais um elemento de manipulação do homem, de violação dos seus direitos, de repetição do passado. Enfrentar o amanhã com as armas de ontem é garantir, previamente, a derrota. Desistir de lutar, sob o pretexto de falta de equipamento, é covardia. Não há verbas, não há material, mas o recurso humano, o mais válido, existe, e aí está a exigir um azeitamento interior, capaz de acioná-lo.

De um professor de Didática espera-se que seja pelo menos um didata, não na acepção vulgar da palavra, mas no sentido de reconhecer que suas atitudes valem bem mais que suas técnicas, que, trocando com seus alunos o que ele é, abrirá caminhos mais amplos do que se apenas trocar com eles o que sabe, tentando moldá-los a si, ao seu fazer didático. Do professor de Didática é natural que o aluno cobre um pouco mais do que de qualquer outro professor: em primeiro lugar, ele exige respeito ao que ele (aluno) é; em segundo lugar, que ele vivencie e comprove numa lição de autenticidade o que ele (professor) considera correto, mas que tenha também abertura para valorizar outras opções.

Uma Didática de vida estaria à frente de qualquer Didática legista ou receitante; a vivência didática seria preferível à permanência no exercício didático isolado ou atomizado. Ser o professor é conseguir integrar, harmoniosamente e com amor, as habilidades antes treinadas em separado. Se em cada habilidade ele se coloca, sua humanidade ultrapassará a técnica, conferindo-lhe espaços inusitados.

Este estudo tem por objetivo central valorizar a contribuição que a criatividade pode trazer à Didática, ampliando-a, libertando-a de padrões rígidos e estagnantes, abrindo-lhe perspectiva que possam redimensioná-la e torná-la um instrumento útil ao ensino. Uma Didática Criativa tentaria responder aos constantes ataques de que a Didática não leva a nada e até colabora para o emperramento do sistema escolar.

Não se trata de negar as bases técnico-científicas em que se assenta a Didática, mas de, em as mantendo, acrescentar-lhes uma possibilidade a mais - a da ousadia, a do incomum, a do ilógico, a ênfase a tudo o que foge aos padrões cotidianos e rotineiros. Parte-se do pressuposto de que se a Didática se alicerça na psicologia da aprendizagem e se alimenta da tecnologia do ensino, nada impede o seu enriquecimento ou extrapolação na dinâmica da criatividade.

Por certo, praticando a criatividade, professores e alunos não se tornarão melhores, mas é possível que se preparem um pouco mais para o futuro, que transfiram mais facilmente as aprendizagens de hoje para o contexto de amanhã e que possam tornar-se menos temerosos e mais felizes na superação de situações diversas e adversas.

O estudo não é um apelo, desesperado à criatividade como recurso último para dourar a pílula ou disfarçar veneno em cápsula; é antes um alerta a todos os professores do Brasil, país de jovens no sentido de que despertem para o fato de que o ensino está perdendo terreno, antes mesmo de adquiri-lo, pela cansativa repetição das mesmas mesmices, antes úteis, hoje irrisórias, na vida acelerada e imprevisível de séculos, que passaram a durar de cinco a dez anos no máximo.

Opta-se pela crença de que a boa Didática é a que incentiva a produção e não a reprodução, a divergência muito mais que a convergência, a crítica em lugar da tranqüila aceitação, a dúvida em detrimento das certezas preestabelecidas, o erro provisório em lugar do acerto fácil. Propõe-se também que a essa Didática se chame AMPLA DIDÁTICA: além da fusão harmoniosa de princípios científicos e recursos técnicos com a valorização da função criativa, ela se diz "ampla" por aplicar-se a todos os níveis de ensino e por estar aberta a todas as contribuições plausíveis que vieram subsidiá-la.

1.1. Conceituando a Didática

A Didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe segurança profissional. Essa segurança ou competência profissional é muito importante, mas é insuficiente. Além dos objetivos da disciplina, dos conteúdos, dos métodos e das formas de organização do ensino, é preciso que o professor tenha clareza das finalidades que tem em mente na educação das crianças. A atividade docente tem a ver diretamente com o “para quê educar”, pois a educação se realiza numa sociedade formada por grupos sociais que têm uma visão distinta de finalidades educativas. Os grupos que detêm o poder político e econômico querem uma educação que forme pessoas submissas, que aceitem como natural a desigualdade social e o atual

sistema econômico. Os grupos que se identificam com as necessidades e aspirações do povo querem uma educação que contribua para formar crianças e jovens capazes de compreender criticamente as realidades sociais e de se colocarem como sujeitos ativos na tarefa de construção de uma sociedade mais humana e mais igualitária.

A Didática, portanto, trata dos objetivos, condições e meios de realização do processo de ensino, ligando meios pedagógico-didáticos a objetivos sócio-políticos. Não há técnica pedagógica sem uma concepção de homem e de sociedade, como não há concepção de homem e sociedade sem uma competência técnica para realizá-la educacionalmente. Por isso, o planejamento do ensino deve começar com propósitos claros sobre as finalidades do ensino na preparação dos alunos para a vida social: que objetivos mais amplos queremos atingir com o nosso trabalho, qual o significado social das matéria que ensinamos, o que pretendemos fazer para que meus alunos reais e concretos possam tirar proveito da escola etc. As finalidades ou objetivos gerais que o professor deseja atingir vão orientar a seleção e organização de conteúdos e métodos e das atividades propostas aos alunos. Essa função orientadora dos objetivos vai aparecer a cada aula, perpassando todo o ano letivo.

Dissemos que a Didática cuida dos objetivos, condições e modos de realização do processo de ensino. Em que consiste o processo de ensino e aprendizagem? O princípio básico que define esse processo é o seguinte: o núcleo da atividade docente é a relação ativa do aluno com a matéria de estudo, sob a direção do professor. O processo de ensino consiste de uma combinação adequada entre o papel de direção do professor e a atividade independente, autônoma e criativa do aluno.

O papel do professor, portanto é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem. Não há ensino verdadeiro se os alunos não desenvolvem suas capacidades e habilidades mentais, se não assimilam pessoal e ativamente os conhecimentos ou se não dão conta de aplicá-los, seja nos exercícios e verificações feitos em classe, seja na prática da vida.

Podemos dizer, então, que o processo didático, é o conjunto de atividades do professor e dos alunos sob a direção do professor, visando à assimilação ativa pelos alunos dos conhecimentos, habilidades e hábitos, atitudes, desenvolvendo suas capacidades e habilidades intelectuais. Nessa concepção de didática, os conteúdos escolares e o desenvolvimento mental se relacionam reciprocamente, pois o progresso intelectual dos alunos e o desenvolvimento de suas capacidades mentais se verifica no decorrer da assimilação ativa dos conteúdos. Portanto, o ensino e a aprendizagem (estudo) se movem em torno dos conteúdos escolares visando o desenvolvimento do pensamento.

Mas, qual é a dinâmica do processo de ensino? Como se garante o vínculo entre o ensino (professor) e a aprendizagem efetiva decorrente do encontro entre o aluno e a matéria?

A força impulsionadora do processo de ensino é um adequado ajuste entre os objetivos/conteúdos/métodos organizados pelo professor e o nível de conhecimentos, experiências, requisitos prévios e desenvolvimento mental presentes no aluno. O movimento permanente que ocorre a cada aula consiste em que, por um lado, o professor propõe problemas, desafios, perguntas, relacionados com conteúdos significativos, instigantes e acessíveis. Por outro lado, os alunos, ao assimilar consciente e ativamente a matéria, mobilizam sua atividade mental e desenvolvem suas capacidades e habilidades.

Essa forma de compreender o ensino é muito diferente do que simplesmente passar a matéria ao aluno. É diferente, também, de dar atividades aos alunos para que fiquem “ocupados” ou aprendam fazendo. O processo de ensino é um constante vai-e-vem entre conteúdos e problemas que são colocados e a percepção ativa e o raciocínio dos alunos. É isto que caracteriza a dinâmica da situação didática, numa perspectiva sócio-construtivista.

Insistimos bastante na exigência didática de partir do nível de conhecimentos já alcançado, da capacidade atual de assimilação e do desenvolvimento mental do aluno. Mas, atenção: não existe o aluno em geral, mas um aluno vivendo numa sociedade determinada, que faz parte de um grupo social e cultural determinado, sendo que essas circunstâncias interferem na sua capacidade de aprender, nos seus valores e atitudes, na sua linguagem e suas motivações. Ou seja, a experiência sociocultural concreta dos alunos são o ponto de partida para a orientação da aprendizagem. Professor que aspira ter uma boa didática necessita aprender a cada dia como lidar com a subjetividade dos alunos, sua linguagem, suas percepções, sua prática de vida. Sem essa postura, será incapaz de colocar problemas, desafios, perguntas relacionados com os conteúdos, condição para se conseguir uma aprendizagem significativa.

Qual é o campo do didático, qual é o objeto de estudo e o conteúdo próprio da Didática? As respostas a esta pergunta têm sido dadas em varias publicações, sendo um assunto bastante trabalhado na produção científica da área, Vou apenas fazer uma síntese da minha posição, para tentar em seguida buscar as áreas fronteiriças entre a Didática e outros campos de conhecimento.

Começo trazendo algumas definições de Didática colhidas em publicações de autores estrangeiros nas últimas décadas.

Vicente Benedito, espanhol (1987):

A didática é — está a caminho de ser - uma ciência e tecnologia que se constrói a partir da teoria e da prática, em ambientes organizados

de relação e comunicação intencional, nos quais se desenvolvem processos de ensino e aprendizagem para a formação do aluno.

Contreras Domingo, espanhol (1990):

A Didática é a disciplina que explica os processos de ensino-aprendizagem para propor sua realização conseqüente com as finalidades educativas.

Renzo Titone, italiano (1974):

Didática é a ciência que tem por objeto específico e formal a direção do processo de ensinar, tendo em vista fins imediatos e remotos de eficiência instrutiva e formativa.

Karl Stocker, alemão (1964):

Compreendemos por doutrina geral do ensino, estruturação didática ou didática, a teoria da instrução e do ensino escolar de toda natureza em todos os níveis. (...) trata das questões gerais de todo ensino, comuns a todas as matérias e procura expor os princípios e postulados que se apresentam em todas as disciplinas. (...) O processo didático (...) tem seu centro no encontro formativo do aluno com a matéria de ensino.

Klingberg, alemão (1978):

A Didática é uma disciplina e científica da Pedagogia que se refere às relações regulares entre o ato de ensinar e a aprendizagem.

Danilov, russo (1978):

A didática estuda o processo de ensino, em cujo desenvolvimento ocorre a assimilação dos conhecimentos sistematizados, o domínio dos procedimentos para aplicar tais conhecimentos na prática, e o desenvolvimento das forças cognoscitivas do educando.

Com que categorias lida a Didática? Quais são os elementos constitui' Vos do ato didático? A análise do ato didático destaca uma relação dinâmica entre três elementos - professor, aluno, matéria - a partir dos quais podemos fazer aquelas clássicas perguntas Para que ensinar? O que ensinar? Quem ensina? Para quem se ensina? Como ensinar? Sob que condições se ensina?

Estas perguntas definem os elementos constitutivos ou categorias da Didática e formam, de fato, o seu conteúdo. Obviamente, o significado de cada um desses elementos e a relação que se faz entre eles dependem, fundamentalmente, de uma concepção filosófica, de uma abordagem epistemológica. Não vou deter-me nessa questão. Quero apenas destacar que é a partir dos elementos constitutivos do ato didático que vamos encontrar a contribuição de outros campos científicos.

Vejamos isso rapidamente. Os objetivos, gerais ou específicos, requerem conhecimentos de Filosofia da Educação, Teoria da Educação, Teoria do Conhecimento, Antropologia. A Didática traduz objetivos sociais e políticos da educação em objetivos de ensino. Ela expressa a dimensão de intencionalidade da ação docente.

A seleção e organização dos conteúdos implicam, ao menos: os conteúdos e métodos de investigação da ciência ensinada (estrutura lógica da matéria); adequação às idades, ao nível de desenvolvimento mental dos alunos, aos processos internos de assimilação; processos de desenvolvimento da linguagem; significados sociais dos conhecimentos.

Nas categorias professor e aluno entram muitas áreas fronteiriças: a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a Lingüística, a Teoria da Comunicação e as áreas compostas como a Psicopedagogia, a Sociolingüística, etc. A relação professor-aluno, voltada basicamente à formação intelectual, implica aspectos gnoseológicos, psíquicos e socioculturais. Se considerarmos não apenas o professor, mas outros educadores, veremos que entram outras áreas de conhecimento ligadas ao ambiente em que ocorre o processo de ensino, tais como a teoria da organização escolar, a administração escolar, os meios de comunicação, a propaganda etc. O processo de ensino envolve uma relação social, professor e alunos pertencem a grupos sociais, a escola e a sala de aula são grupos sociais envolvendo uma dinâmica de relações internas.

Os métodos, como se sabe, mantêm estreita relação com objetivos e conteúdos, com o sujeito que aprende. implicando a Teoria do Conhecimento, a Psicologia, a Lingüística, a Teoria da Comunicação etc.

Esta breve referência aos conhecimentos de outras áreas que intervém na compreensão do fenômeno ensino mostra que a Didática é uma disciplina de integração, articulando numa (corja) geral de ensino as várias ciências da educação e compondo-se com as metodologias específicas das disciplinas curriculares. Combina-se o que é geral, elementar, básico para o ensino de todas as matérias com o que é específico das distintas

metodologias A Didática é assim, uma disciplina de intersecção, uma disciplina-síntese, tal como escreve Penin (1988):

No âmbito dos cursos de licenciatura, entendo a didática como sendo uma área de intersecção e ponto de imbricação com as diversas disciplinas que compõem tais cursos. (...) A didática se reveste de um caráter de disciplina-síntese no curso de licenciatura pois deve provocar reflexão de conjunto sobre conceitos que introduz e conceitos tratados em outras disciplinas. A tarefa do professor de Didática é, portanto, facilitar para o aluno a articulação dos conhecimentos que possui e que dizem respeito ao ensino, possibilitando-lhe explicitar sua síntese, através de uma proposta educacional que considere o caráter politico-ideológico das decisões de ensino de uma dada disciplina.

Tomar a Didática como disciplina de integração ou disciplina-síntese, implica reconhecer que ela tem dois campos conexos e integrados de saber, o ensino e o ensino de determinada matéria, Isso significa que para ensinar uma matéria não basta dominar os conteúdos ou ter domínio da prática de ensino dessa matéria. Para que um professor transforme as bases da ciência e que é especialista, em matéria de ensino, e com isso oriente o ensino dessa matéria para a formação da personalidade do aluno é preciso que ele tenha: a) formação na matéria que leciona; b) formação pedagógico-didática na qual se ligam os princípios gerais que regem as relações entre o ensino e a aprendizagem com problemas específicos do ensino de determinada matéria.

Por exemplo, um professor de história ocupa-se do ensino da ciência histórica, do método de investigação da história; quer ajudar seus alunos a desenvolverem capacidades de pensar historicamente, que compreendam a história como processo etc. Entretanto, a tarefa de ensinar requer do professor conhecimentos e práticas que vão mais além do fato de ele ser um especialista em história. Quais são esses conhecimentos e práticas? Vou mencionar alguns:

- introduz objetivos explícitos ou implícitos, de cunho ético, ideológico, filosófico, político, que dão determinada direção ao trabalho docente;
- transforma o saber científico em conteúdos formativos, isto é, em função de propósitos educativos;
- seleciona e organiza conteúdos. mediante critérios lógicos, ideológicos e psicológicos, estabelecendo uma determinada seqüência conforme idade, nível de desenvolvimento mental, experiência sociocultural dos alunos;
- métodos e procedimentos de ensino que não são dados naturalmente apenas pelos métodos de investigação da matéria ensinada;

- trabalha numa determinada estrutura organizacional em que participa como membro de um grupo social. compartilha de valores, opiniões, crenças e práticas de interação e convivência.
- estabelece determinadas formas de interação social com alunos, com implicação de elementos afetivos.

Quero mostrar que essas características da docência não são inerentes ao conteúdo de uma matéria. Elas devem ser buscadas fora do âmbito da ciência ensinada. Em outras palavras, para ensinar história não basta saber história, é preciso a didática e a metodologia específica do ensino de História para compreender o ensino na sua totalidade. Muitos dos conceitos que integram o corpo teórico da Didática são objeto de estudo de disciplinas como Teoria do Conhecimento, Psicologia, Sociologia, Filosofia, Linguística, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Teoria da Organização Escolar etc., Seria desejável que o conteúdo tratado nessas disciplinas estivesse voltado de fato para a formação do professor, de modo a fornecer os conhecimentos a serem integrados na Didática. Sabemos que isso não acontece. Daí meu entendimento a Didática não pode deixar de ser uma disciplina síntese, uma disciplina de integração, planejada de modo criativo, cujo conteúdo seja a descrição, explicação do processo de ensino e proposição de princípios de ação didática comuns a todas as matérias.

Não se trata, portanto, de uma Didática à parte das metodologias específicas das matérias e muito menos uma metodologia geral para todas as matérias. Ao contrário, são áreas do saber pedagógico articuladas entre si, tal como escreve o didata alemão Klingberg (1988:32):

Enquanto as metodologias dos diferentes ensinos destinam-se a analisar questões do ensino de uma matéria determinada, o objeto da Didática é de natureza geral. A Didática abstrai as particularidades das distintas matérias e generaliza as manifestações e leis específicas do ensino e aprendizagem nas diferentes disciplinas e formas de ensino.



**AULA
02**

2 - CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Vamos refletir inicialmente sobre o professor e o seu contexto. Quando falamos que um professor é muito tradicional, conservador ou conteudista, isto é, enciclopedista ao extremo na quantificação de conteúdos que transmite aos seus alunos, ou quando dizemos que determinado professor é metodologicamente maravilhoso pela sua exposição, que está sempre antenado com o seu tempo, seu tratamento com os alunos é dialógico, suas avaliações são instrumentos qualitativos por excelência, visto que a nota de seus trabalhos é um somatório de todo um processo de aprendizagem dos alunos, no sentido mais amplo da função cognitiva e afetiva de suas relações, etc., pensamos imediatamente porque estas diferenças existem dentro do fazer docente.

Por isso temos que estar atentos e buscarmos reflexões mais aprofundadas sobre quem o educador?

A resposta, como todo ato em Educação não é simples, pois sabemos que os cursos de graduação, na busca de “qualidade de ensino”, privilegiam essa ou aquela teoria, essa ou aquela tendência pedagógica, com metodologia e características próprias, alijando do processo de formação, muitas vezes, a discussão maior do ato educativo, promovendo condicionamentos que interferem nos papéis desempenhados pelos professores e que recaem de forma até nefasta e desestimuladora nos alunos.

O texto que segue é de José Carlos Libâneo, professor da Universidade de Goiás, e apresenta uma análise dos pressupostos teórico-metodológicos das diversas tendências que orientaram (ou ainda continuam orientando) a prática educativa dos professores de nossas escolas. Indica vários caminhos que puderam ser apontados a partir destas reflexões para que o professor criticamente situado possa analisá-los, auxiliando-os para uma redefinição de um projeto de democratização do ensino em nossas escolas, inclusive as do ensino superior.

A prática escolar consiste na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho do docente. Tais condições não se reduzem ao estritamente “pedagógico”, já que a escola cumpre funções que lhe são dadas pela sociedade concreta que, por sua vez, apresenta-se como constituída por classes sociais com interesses antagônicos. A prática escolar, assim, tem atrás de si condicionantes sócio-políticos que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, conseqüentemente, diferentes pressupostos sobre: o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno, técnicas pedagógicas, etc. Fica claro que o modo como os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam o conteúdo das matérias, ou escolhem técnicas de ensino e avaliação que têm a ver com pressupostos teórico-metodológicos, explícita ou implicitamente.

Uma boa parte dos professores, provavelmente a maioria, baseia a sua prática em prescrições pedagógicas que viraram senso comum, incorporadas quando a sua passagem pela escola ou transmitidas pelos colegas mais velhos; entretanto, essa prática contém pressupostos teóricos implícitos. Por outro lado, há professores interessados num trabalho docente mais conseqüente, professores capazes de perceber o sentido mais amplo de sua prática e de explicitar suas convicções. Inclusive há aqueles que se apegam à última tendência da moda, sem maiores cuidados em refletir se essa escolha trará, de fato, as respostas que procuram.

Deve-se salientar, ainda, que os conteúdos dos cursos de licenciaturas ou não incluem o estudo das correntes pedagógicas, ou giram em torno de teorias de aprendizagem e ensino que quase nunca têm correspondência com as situações concretas de sala de aula, não ajudando os professores a formar um quadro de referência para orientar a sua prática. Em artigo publicado em 1981, Saviani descreveu com muita propriedade certas confusões que se emaranham na cabeça de professores. Após caracterizar a pedagogia tradicional e a pedagogia nova, indica o aparecimento, mais recente, da tendência tecnicista e das teorias crítico-reprodutivistas, todas incidindo sobre o professor. Ele escreve:

“Os professores têm na cabeça o movimento e os princípios da escola nova. A realidade, porém, não oferece aos professores condições para instaurar a escola nova, porque a realidade em que atuam é tradicional. (...) Mas o drama do professor não termina aí. A essa contradição se acrescenta uma outra: além de constatar que as condições concretas não correspondem à sua crença, o professor se vê pressionado pela pedagogia oficial que prega a racionalidade e a produtividade do sistema do seu trabalho, isto é, ênfase nos meios (tecnicismo), (...) Aí está o quadro contraditório em que se encontra o professor: sua cabeça é escola-novista, a realidade é tradicional; (...) rejeita o tecnicismo porque sente-se violentado pela ideologia oficial; não aceita a linha crítica porque não quer receber a denominação de agente repressor.”

Em face a essas constatações, pretende-se, neste texto, fazer um levantamento, ainda que precário, das tendências pedagógicas que têm-se firmado nas escolas, pela prática dos professores, fornecendo uma breve explanação dos pressupostos teóricos e metodológicos de cada um.

É necessário esclarecer que as tendências não aparecem em sua forma pura, nem sempre são mutuamente exclusivas, nem conseguem captar toda a riqueza da prática concreta. São, aliás, as limitações de qualquer tentativa de classificação. De qualquer modo, a classificação e a descrição das tendências poderão funcionar como instrumento de análise para o professor avaliar sua prática de sala de aula.

Utilizando como critério a posição que adotam em relação aos condicionantes sócio-políticos da escola, as tendências pedagógicas foram classificadas em liberais e progressistas, a saber:

- **Pedagogia Liberal**
 - Tradicional
 - Renovada Progressista
 - Renovada não-diretiva
 - Tecnicista
 - Pedagogia Progressista
- **Libertadora**
 - Libertária
 - Crítico-social dos conteúdos

2.1. Pedagogia Liberal

O termo liberal não tem sentido de “avançado”, democrático, “aberto”, como costuma ser usado. A doutrina liberal apareceu como justificativa do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também chamada de sociedade de classes. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade.

A educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas, ora conservadora, ora renovada. Evidentemente, tais tendências se manifestam, concretamente, nas práticas escolares e no ideário pedagógico de muitos professores, ainda que estes não se dêem conta dessa influência.

A pedagogia liberal sustenta a idéia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Para isso, os indivíduos precisam aprender a adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes, através do desenvolvimento da cultura individual. A ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difundida a idéia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições. Historicamente, a educação liberal iniciou-se com a pedagogia tradicional e, por razões de recomposição da hegemonia da burguesia, evoluiu para a pedagogia renovada (também

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia